



Habilidade e competência

A programação da primeira etapa de capacitação do Festival de Talentos que ocorreu entre o dia 9 até o dia 24, no CUCA Barra, e do dia 23 a 25, em toda a Rede Cuca, contou com uma equipe de facilitadores composta por renomados artistas e velhos conhecidos dos palcos cearenses.

A oficina de Canto, por exemplo, teve como facilitadora a maestrina, cantora e compositora Aparecida Silvino, demonstrando aos jovens participantes a melhor forma de expressão vocal dentro de cada estilo. O pianista Edson Távora ficou responsável pela oficina Harmonia, enfocando a harmonia brasileira, popular e ciclos de percepção auditiva, que visava dar suporte aos jovens músicos para trabalhos de escrita e arranjos musicais.

A oficina Composição: Uma Abordagem Prática, contou com a exposição de Mimi Rocha, coordenador pedagógico do festival, decifrando as várias formas de composição, através da análise de seu CD mais recente, exemplificando as técnicas de harmonização e orquestração num contexto musical contemporâneo, o que foi muito útil para músicos dos mais variados instrumentos. Pingo de Fortaleza, cantor, compositor, poeta e

pesquisador, palestrou sobre a História da Música Cearense, um reconhecimento da construção de um processo histórico da música produzida no estado do Ceará, que possibilita a consolidação da memória de artistas e movimentos que foram e são de fundamental importância na nossa historicidade e contemporaneidade. A intérprete Mona Gadelha ficou responsável pela oficina Projetos do Porto Iracema e Música Digital (Distribuição) e falou sobre a sua trajetória - desde o começo em Fortaleza - a produção de 7 discos autorais e a experiência de morar em São Paulo, além de apresentar o trabalho que ela realiza no Laboratório de Música do Porto Iracema das Artes. Essa grade de oficinas, que foi a primeira etapa do Festival de Talentos, contou ainda com a participação do contrabaixista Miqueias dos Santos com a oficina Improvisação; Ricardo Pontes, baterista, ministrou a Ritmo (Teoria /Prática /Leitura e escrita); Gestão de Mídias Sociais e Marketing Cultural ficou com a jornalista Monique Souza; Direito Trabalhista com o músico e advogado Bob Mesquita e por fim a capacitação Conceitos e Técnicas com o músico Herlon Robson.

Para Vitor Caliope, vocalista do Projeto Rivera, "Esse festival veio com uma



coletânea de iniciativas que nos ajudam desde a composição, desenvolvimento de nossas músicas até a parte da interação com o público dentro das oficinas. Essa é uma oportunidade ímpar. Merecem uma salva de palmas essas novas iniciativas e que venha um próximo Festival de Música e de Talentos, em Fortaleza," declarou.

Na opinião de Claudine Albuquerque, vocalista, da Nafandus, "estar participando do projeto é muito importante também por causa do quesito formação

promovida pelo Festival de Talentos, pois tivemos acesso às oficinas que foram dadas por artistas renomados da música cearense, experientes e com didática para nos passar muitos conhecimentos. Acho até que esse caráter de formação é até mais importante do que uma classificação ou premiação, pois esses aprendizados vamos levar para o resto da vida", declarou.

A programação de capacitação do Festival de Talentos de Fortaleza prossegue até o dia 1º de dezembro de 2016.



A nova geração da música Cearense

Conheça os artistas e as revelações que participaram do I Festival de Música da Juventude e do Festival de Talentos de Fortaleza



O Festival de Música da Juventude aconteceu paralelo ao Festival de Talentos de Fortaleza, promovendo a Cultura Juvenil e fomentando, juntos, políticas públicas voltadas para a juventude

Realizado durante o mês de julho nas seis Regionais de Fortaleza, o I Festival de Música da Juventude, promovido pela Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude, da Prefeitura Municipal de Fortaleza, trouxe um frescor à cena musical cearense. Apresentando 35 grupos de vários estilos, a iniciativa buscou, além de revelar talentos, incentivar a produ-

ção autoral na cidade e fomentar o público local.

O Festival de Música da Juventude aconteceu paralelo ao Festival de Talentos de Fortaleza, promovendo a Cultura Juvenil e fomentando, juntos, políticas públicas voltadas para a juventude, além de valorizar e promover grupos artísticos e culturais que proporcionem a formação de público e a capacitação profissional de jovens músicos cearenses.

EXPEDIENTE

Fotografia: João Djorge
Reportagens: Jacy Abreu e Filipe Dutra



Muitos dos artistas presentes no Festival de Música de Fortaleza tiveram a primeira chance de tocar em um evento de grande porte, mostrando o poder de democratização da programação, que contempla, além dos shows, palestras e workshops, que aconteceram numa primeira etapa no mês de agosto – entre os dias 9 e 24 – no CUCA Barra, e de 23 a 25 do mesmo mês, em toda a Rede Cuca. Todas as atividades foram abertas ao público em geral. Nos encontros de capacitação – que compõem a extensa programação do Festival de Talentos de Fortaleza e prosseguem até o dia 1º de dezembro de 2016 – são abordados diferentes temas a respei-

to do mercado da música, cadeia produtiva, direitos autorais, produção musical e gestão de carreira.

O Festival de Talentos de Fortaleza, por sua vez, além de um grande evento, é uma ferramenta para a inclusão social; estímulo à cidadania capaz de revelar talentos; e valorização da tradição e da manifestação cultural cearense. Durante os cursos e as oficinas, os jovens têm a oportunidade de conhecer, dialogar e trocar conhecimentos, contribuindo para seu crescimento no mercado musical.

Em resumo, a execução do Festival de Talentos de Fortaleza traz um leque de práticas culturais que estabelecem condições de visibilidade e sustentabilidade, formação de público e capacitação profissional.

Nesses encontros de capacitação, que compõem a extensa programação do Festival de Talentos de Fortaleza, são abordados diferentes temas a respeito do mercado da música.



Pretendemos oferecer atividades Grandes festivais culturais para aproximadamente 3.000 jovens, contribuindo para a diminuição dos índices de exclusão cultural, através da formação de novos grupos musicais e de novas plateias.

Grandes festivais

O Secretário da Juventude, Júlio Brizzi, fala nessa entrevista qual a referência utilizada na concepção dos projetos Festival de Música e Festival de Talentos e explica o diferencial da iniciativa, ressaltando a importância do modelo inovador que possibilita juntar competição e capacitação, dando aos jovens que fazem música na cidade de Fortaleza, uma oportunidade de apresentar seu talento ao público cearense e ao mesmo tempo evoluírem como profissional da música com chances de se desenvolverem e ter sucesso na carreira artística.

Em que o caráter inovador, associado ao aspecto competitivo por meio das apresentações, e a capacitação musi-

cal, proporcionada pelas oficinas, vai ajudar os participantes?

JB: Não tenho a menor dúvida de que para a maioria dos jovens músicos que estão participando, o Festival de Música da Juventude e o Festival de Talentos de Fortaleza são um divisor de águas em suas carreiras musicais e em suas vidas. Um formato inovador que valoriza o jovem músico e seu talento com todo o acompanhamento e formação, não sendo uma mera competição, reposicionando em sua importância os festivais de música na construção da narrativa musical local.

Quais os objetivos e o quantitativo de público que o Festival de Talentos de Fortaleza pretende atingir?

JB: Pretendemos oferecer atividades

culturais para aproximadamente 3.000 jovens, contribuindo para a diminuição dos índices de exclusão cultural, através da formação de novos grupos musicais e de novas plateias. A vasta programação musical, que inclui shows de artistas locais e regionais, acontece sempre nos espaços públicos que geralmente não são contemplados na programação cultural da cidade.

Como o caráter inovador dos projetos que acontecem concomitantemente associando competição e capacitação contribui para a valorização da atividade musical?

JB: Acredito que essa junção de apresentações musicais e capacitação profissional mostra como a música é um poderoso instrumento que contribui para formação do indivíduo cumprindo um importante papel na socialização, na afirmação e no exercício de cidadania desses jovens artistas.

Sobre o Festival de Música, qual a importância de se resgatar o formato dos grandes festivais dos anos 70 e 80?

JB: Também por isso, o Festival de Música torna-se um marco para cultura da juventude da cidade. Nos inspiramos nos grandes festivais de música que re-

velaram para o Brasil muitos artistas da terra, como Belchior, Ednardo, Fagner e outros importantes músicos que marcaram gerações. Nós repetimos essas oportunidades para as novas gerações de músicos cearenses. E certamente nessa primeira edição tivemos novos talentos, boas surpresas.

A seleção para o Festival de Música priorizou que tipo de bandas, quais os critérios que, mesmo sem estarem explícitos no edital, foram valorizados?

JB: A ideia foi oferecer ao jovem que tem talento, mas que não tem produtor, não tem CD e nunca ganhou um festival, uma oportunidade real para mostrar para um grande público sua capacidade artística, seu talento. Queremos com esse formato democratizar as chances e oportunidades fazendo um trabalho de inclusão musical no cenário cultural cearense. Inclusive o formato de inscrição foi o mais simples possível, sendo necessário apenas o preenchimento do formulário eletrônico, que ficou disponível no site da Coordenadoria de Juventude, mais o envio de links de músicas ou vídeos autorais ou interpretações. Com mais facilidade e menos burocracia tivemos a inscrição de quase 200 projetos musicais.



I Festival de Música da Juventude

Prestigiadas por moradores das seis regionais, as 35 apresentações, que ocorreram em espaços públicos quase nunca inseridos na agenda de eventos culturais da cidade, foram um verdadeiro sucesso para o público que prestigiou e se deu a chance de conhecer esses novos talentos musicais.

O Festival de Música da Juventude obedeceu ao seguinte roteiro de apresentações: dia 08/07, na Praça Polar, no Vila Velha, as atrações apresentadas foram: A.R.S, Som de Cera, Ingrid Mello Teixeira, Ankerkeria, Manuella Romcy e Brenno Luy. No dia 09/07, o Estoril, na Praia de Iracema, recebeu a Banda Singular, Bárbara Sena, Fernando Akay, Projeto Rivera, Flower Band e Frank Luz e Tropical Dub. No dia 15/07 o festival

visitou a Praça João XXIII com as bandas Os Flóridas, Felipe Lustosa, Caike Falcão, Pulso de Marte e La Trinidad. No dia 16/07, o palco foi a Praça da Gentilândia, no Benfca, com The Andies, Cabrunços, Eletrofone, Masmorra, Wesley Lopez e Yuri Eduardo. Dia 22/07 o cenário foi o Lago Jacarey, na Cidade dos Funcionários, onde as atrações foram: Máquinas, Old Books Room, Galba de Andrade Mesquita, Original Rap Cearense, Por Um Trio e Muquifo Cafona. O último dia de apresentações seletivas para a grande final, 23/07, foi na Praça Santa Cecília com os músicos do Projeto Acorde, Rômulo Vitá, Nafandus, Indiada Buena, Marcos Vinícius e Loveliness. Nas próximas páginas, conheça as 35 bandas que se apresentaram nas seis Regionais de Fortaleza, no I Festival de Música da Juventude.

Prestigiadas por moradores das seis Regionais, as 35 apresentações ocorreram em espaços públicos quase nunca inseridos na agenda de eventos culturais da cidade.

O Canto da Tiete

INGRID MELLO

Quem não gostaria de ter a oportunidade de realizar um trabalho com seu ídolo? Foi o que aconteceu com a cantora Ingrid Mello: em 2008, ela teve seu trabalho reconhecido no país, ao cantar músicas de Ivete Sangalo para a própria cantora baiana, no programa TV Xuxa.

Cantora desde os 10 anos de idade, Ingrid não se contentou com a fama repentina de sua aparição em um programa nacional de televisão e seguiu com a vocação para a música. Formou-se no Conservatório de Música Alberto Nepomuceno e na Escola de Canto Lírico Maninha Mota, ampliando, assim, seu leque musical.

Hoje, com 18 anos, Ingrid canta de tudo um pouco, desde canções líricas em cerimônias a sucessos do pop na noite fortalezense. Entretanto, como em toda a sua carreira, a cantora almeja mais: lançou este ano o single "Indiferente", produzido em São Paulo e composto por Rodrigo Castanho, Henrique Ferraz e Luciano Nassyn – este último, conhecido por seu trabalho nos anos 80, quando fazia parte do grupo infantil Trem da Alegria. O som pop da canção mostra a amplitude da capacidade vocal da jovem artista.



Atrocidade Feroz

ANKERKERIA

Ankerkeria é uma palavra basca, que significa "atrocidade". O termo também dá nome a uma das revelações no cenário do heavy metal cearense, mais especificamente do subgênero death metal, que tem como grandes ícones bandas como Cannibal Corpse e Morbid Angel.

Assim como as bandas que a inspiraram, a Ankerkeria possui como características sonoras as guitarras distorcidas e em baixa afinação, a bateria furiosa e as letras com temáticas góticas.

A energia e a boa execução do quarteto formado por Joice Lopes (vocaís), Arthur Tenório (bateria), Icaro Cavalcante (baixo) e Mateus Martines (guitarra), fizeram com que eles tocassem nos principais festivais do estilo, como o Forcaos. A banda apresentou, este ano, o single "Blessed Be Thy Shame", em formato de videoclipe. Em 2016, está previsto o lançamento do primeiro EP, com cinco faixas.



MPB made in Ceará

MANUELLA ROMCY

Maria Gadú, Marisa Monte, Marina Lima são alguns dos nomes que vêm à memória quando se fala da música popular brasileira contemporânea. Manuella Romcy – outro nome que, por coincidência, também inicia com M –, inspira-se nessas artistas, tanto no som quanto nos passos.

A formação musical de Manuella teve início em 2002 e, desde então, ela participa de pequenos projetos junto a artistas da cena local, como Felipe Cordeiro, Adelson Viana e Miguel Cordeiro. Nos últimos anos, a cantora vem aprimorando sua técnica vocal com a professora Marta Carvalho e busca fortalecer seu nome no cenário musical cearense.

Embora versada na música brasileira, as composições de Manuella possuem letras em inglês, trazendo mais universalidade às canções. O pop-rock e a surf music também são fortes influências no som da jovem cantora.

Exército de um homem só

BRENNO LUY

Nos anos 80, bandas como Legião Urbana, Engenheiros do Hawaii e Capital Inicial, dentre outras, embalaram a juventude, colocando para fora os anseios, sonhos e visões de toda uma geração. Atualmente, embora os ideais sejam outros, tais bandas seguem influenciando os jovens das décadas posteriores.

Brenno Luy é um desses jovens que bebeu na fonte de Renato Russo, Humberto Gessinger e companhia. Suas composições, como "Deus salve o Planeta Terra" e "Garota Aquariana", seguem a linha do pop-rock nacional.

Brenno ganhou seu primeiro violão aos 15 anos e, desde então, segue colocando para fora toda sua inspiração. Hoje, com 20 anos, evoluiu musicalmente, tocando violão, guitarra e teclado, além de ainda estar aprendendo flauta doce. Seus shows, entretanto, seguem a linha do "one man band", com o cantor interagindo de peito aberto com o público.



Som que vem da alma

FERNADO AKAY

Canções autobiográficas e um violão: essa é a tônica de Fernando Akay, artista independente vindo do interior do Ceará que, com sua voz rouca, expõe sua alma em cada acorde.

Como todo adolescente, descobriu a paixão pelas palavras por volta dos 14 anos. Pegou gosto pelo verso e, aos 16, aprendeu sozinho a tocar violão, montando a sua primeira banda autoral.

As influências de Fernando vão do rock do Nirvana e Evanescence ao som sincero de Amy Winehouse e Pink. Em cada letra, um pouco do artista vai junto, assim como seus inspiradores. Intensidade é a palavra-chave para definir o som do cantor.



Para além da música

PROJETO RIVERA

Tudo pode ser feito de maneira orgânica, verdadeira e manual. Esse é o lema do Projeto Rivera, banda formada em 2013 e que possui como formação atual Victor Caliope (vocal), Bruno Santos (guitarra), Gabriel Fontenele (baixo), Ozziel Albuquerque (bateria), Matheus Brasil (teclado) e Flávio Nascimento (guitarra).

O grupo já possui um CD, "Eu Vim Te Trazer o Sol". Com 13 faixas, o álbum foi composto em viagens pelas cidades do interior do Ceará e passeia por letras que exploram histórias vivenciadas nessas andanças. Todo o processo, desde a construção do estúdio até a confecção do encarte dos CDs, foi feito pelas mãos do sexteto.

O projeto vivencia sua música de maneira intensa e uma das provas é a iniciativa do grupo de realizar intervenções urbanas por meio de lambe-lambes (cartazes colados em muros e postes), com trechos de suas canções.

Atualmente, o Projeto Rivera está trabalhando em seu segundo álbum e lançou, na internet, o vídeo da canção "Canto Bom", que estará no trabalho. Em paralelo, a banda foi uma das contempladas no Laboratório de Música do Porto Iracema das Artes.



De tudo um pouco

OS FLÓRIDAS

A vocalista de voz expressiva Roberta Kaya e o instrumentista versátil João Pompeu se conheceram em 2015, dando início à história de Os Flóridas. Junto ao amigo de longa data de João, o baterista Flávio Gigas, e o baixista Jeyson Menezes, o grupo criou forma e segue espalhando seu som por aí.

O som experimental passeia pelo samba rock, jazz, blues, soul, black music, reggae, MPB, pop rock e o que mais aparecer durante o transcender dos músicos em suas apresentações. O experimentalismo é uma filosofia forte na banda, que quer agradar a todos e levar boas energias.

A história recente do grupo, que está em processo de composições, mostra que amarras não existem para eles: o que vier, é bem-vindo.



Trindade do Carnaval

LA TRINIDAD

Projeto do ator e cantor Enzo Trinidad, o La Trinidad apresenta um rock alternativo e sincero, que mistura ritmos brasileiros em sua sonoridade. Surgido em 2015, a banda, que conta com Marcos Amapos e Daniel Vieira, teve uma rápida ascensão na cena cearense.

Já em 2016, o La Trinidad lançou o disco "Carnaval em Preto e Branco", divulgando o trabalho em boa parte das plataformas digitais, como Spotify, iTunes e Google Play. A banda ainda gravou o clipe "Libertação", uma das faixas do álbum de estreia. No vídeo, uma bela mensagem sobre liberdade de gênero, mostrando, também, o engajamento do grupo em relação a temas atuais.



Na lata e na ponta dos dedos

FELIPE LUSTOSA

Veracidade e sinceridade. Estas são marcas das composições de Felipe Lustosa, um jovem que debuta em shows oficiais na carreira. Com apenas 19 anos, o cantor e violonista revela seu talento ao vivo, mostrando canções autorais.

Normalmente artista solo, Felipe está acompanhado por Demétrio França e Fabrício Silva (percussão), Luiz Cláudio Mendes (percussão e backing vocal) e Matheus de Alencar (baixo). Juntos, eles fazem um som que mistura mpb, reggae e pop rock.

A voz de Felipe é característica: rouca, fala sobre temas da atualidade, como as fotos coloridas do Facebook e o cotidiano dos jovens de Fortaleza. Sua performance tem um bom astral, dando veracidade às suas composições.



Rock tipo exportação

CAIKE FALCÃO

A letra franca de Belchior em um instrumental rock'n roll moderno e atual. Esse é o som de Caike Falcão, artista em carreira solo desde 2014 e que possui três trabalhos fonográficos em sua trajetória musical.

O primeiro EP, "Anedotas de um romance pejorativo", lançado em 2014, revelou o som de Caike. Não demorou muito para um novo registro fonográfico ganhar vida: em 2015, o artista divulgou outro EP, convenientemente chamado "Segundo".

Este ano, Caike lançou o álbum "Rever", que o fez ganhar o mundo: cruzou o Atlântico e fez festivais em Cabo Verde, tendo sido destaque no país africano. Em sua terra natal, tocou em algumas das principais casas de shows que recebem bandas de rock em seu cast.

Caike, que também é guitarrista, é acompanhado por Jonas Rio (guitarra), Lucas Fernandes (baixo) e Marcus Amapos (bateria) em seus shows. Com excelente execução, tanto nos palcos quanto nos discos, o projeto, assim como a carreira do artista, tende a ganhar asas.



Sonho que pulsa

PULSO DE MARTE

A banda Pulso de Marte nasceu literalmente de um sonho: a guitarrista e vocalista Nathália Rebouças estava dormindo na biblioteca e sonhou que, para salvar a si e a seus amigos, deveria achar o "pulso de Marte".

O sonho ganhou vida em 2014, quando Nathália e a amiga Letícia Monteiro, também vocalista e guitarrista, juntaram-se a André Freitas (baixo) e Lucas Santos (bateria). Com um som alternativo, a banda formada em Fortaleza carrega o lirismo onírico em suas letras.

Já o instrumental é tipicamente alternativo, misturando as influências diversas de seus integrantes. No som, é possível identificar nuances indie rock, pop rock, MPB e até do hardcore. Entre as apresentações, a banda conta no currículo com shows em lugares significativos do underground cearense, como o Teatro Boca Rica. E a banda não quer parar por aí: segundo eles, "a busca nunca para".



Pop art

THE ANDIES

"Um dia, todos terão 15 minutos de fama". A famosa frase, proferida pelo artista Andy Warhol, representa um pouco da filosofia do americano em relação à pop art, da qual ele foi o principal expoente.

Warhol foi a inspiração do nome do grupo The Andies, formado em Fortaleza por Lucas Queiroz (vocal e guitarra), Chris Santos (bateria), Tom Marques (vocal e guitarra) e Sérgio Dantas (baixo), em dezembro de 2011.

A banda tem forte influência do rock britânico, mais especificamente dos Beatles e do Oasis. O idioma bretão também é cantado nas músicas da The Andies, mas também há espaço para letras em português.

Atualmente, o grupo possui dois EPs, os quais são "Nada a Perder" e "Miragem", ambos contando com cinco músicas cada. O objetivo principal da banda é tentar conquistar seu lugar ao Sol, indo além dos 15 minutos profetizados pelo inspirador do grupo.



Por debaixo

CABRUNCOS

Formada no Grande Bom Jardim, a Cabruncos apresenta um rock'n roll despojado, com traços de outros estilos, como o reggae. A banda teve início em 2014, e conta com Aldenir Costa, André Anderson, Douglas Gomes, Jacó Patrício e Calvin Reis na formação.

Com base no underground, já tocou em diversos festivais na periferia fortalezense. Suas maiores influências vão desde o pós-punk, representado por Joy Division, até o hard rock romântico de Guns 'N Roses.



Pra dançar

ELETRÓFONE

Dançantes por natureza, o funk, o soul e a disco music têm suas origens nos anos 70, mas ainda hoje são influência para muita gente. O pessoal da Eletrofone é um desses grupos influenciados pelo ritmo da música negra norte-americana: seu som, cadenciado pelo groove do baixo, causa aquela sensação gostosa de balançar o pé à primeira ouvida.

O grupo é formado por pessoas experientes no cenário musical cearense: Dario Oliveira (ex-Verônica Decide Morrer), Marcus Au Coelho (ex-Bitten Blues, Verônica Decide Morrer, Organi'c – Red Hot Chili Peppers World Tribute – SP), Eros Augustus (Forria e ex-Galáctico Papa) e Lucas Rangel (Forria). Seus músicos são, em sua maioria, vindos dos cursos de música e composição da Universidade Estadual do Ceará (Uece) e do Instituto Federal do Ceará, além da formação teatral, pois Dario é membro do Grupo Nós de Teatro.

O projeto vem conquistando espaço na cena cultural noturna de Fortaleza, participando de festivais na capital e no interior. Além das apresentações, a banda realiza workshops e oficinas nos eventos em que participa, mostrando comprometimento com a educação musical.



Viola sombria

SCHISM

Misturar a calma da folk music e o ritmo cadenciado e melancólico do doom metal é uma tarefa inusitada. O artista Wesley Lopez encarou o desafio e lançou o projeto "Schism" exatamente com esta proposta.

O trabalho minimalista tem como único instrumento o violão de Wesley, nascido em Fortaleza e estudante do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Ceará (UFC). Os dedilhados carregados de emoção levam o ouvinte a um mundo mais cinza, mas também bonito.



Entrando na Masmorra

MASMORRA

Frequentador assíduo dos eventos de rock no Ceará, Victor Rasga é conhecido também por seu trabalho como fotógrafo. Mas, como todo fã de heavy metal, ele também tinha o desejo de montar uma banda nesse estilo, e isso parece ter se concretizado com a formação da Masmorra.

Junto de Gabriel (guitarra) e Neto (bateria), que tinham o mesmo anseio, os três formaram uma banda de stoner rock chamada Murdocks. Entretanto, o direcionamento era mais distinto, mais pesado, obrigando-os a formar o novo grupo.

No som da Masmorra, é possível encontrar algumas influências clássicas do estilo, como Pantera, Sepultura e Slayer, combinadas com Machine Head, Behemoth, Mastodon e Immortal, expoentes do metal extremo. No momento, a banda está finalizando um álbum de estúdio e com planos para um clipe.



Gosto de casa vai à praça

YURI EDUARDO

Os pais são as maiores influências de uma criança. No caso de Yuri Eduardo, a inspiração musical foi herdada de seus progenitores, e o artista pegou gosto pelos cantores cearenses, como Belchior e Fagner – sendo este último o maior ídolo do jovem.

Aos 15 anos, Yuri ganhou seu primeiro violão e teve, assim, maior contato com a música. Depois de aprender sozinho a tocar seu instrumento e ouvir bastantes artistas como Zé Ramalho, Roberto Carlos, Caetano Veloso, Ney Matogrosso e Arnaldo Antunes, sentiu-se apto para iniciar a compor.

Sua primeira canção foi baseada em um poema. A partir disso, Yuri pegou fascínio pela arte da composição e começou a fazer várias parcerias musicais.

Seu primeiro EP, denominado "Do Amor Ao Rock!", conta com a participação de amigos músicos de Yuri, que contribuem com o sonho do rapaz de seguir com a carreira musical.



Engrenagem ruidosa

MÁQUINAS

Embora se considerem "noise romântico", é difícil enquadrar o som do Máquinas em algum rótulo. As notas melancólicas e o sussurro vocal do shoegaze estão lá: o jazz também. Até sons que lembram o emcore dos anos 2000 estão presentes na sonoridade do grupo. Independente de rótulos, o Máquinas segue fazendo seu som com sucesso pelo País. Formada em 2013, a banda tem como formação atual Allan Dias (voz/baixo), Roberto Borges (voz/guitarra), Samuel Carvalho (voz/guitarra) Ricardo Guilherme Lins (bateria) e Gabriel de Sousa (saxofone).

O Máquinas possui um EP homônimo, de 2014, e um disco full length, "Lado Turvo, Lugares Inquietos", lançado em 2015 pela Bichano Records (RJ) e Transtorninho Records (PE). O trabalho recebeu muitas críticas positivas da mídia especializada.

Rap original

ORIGINAL RAP CEARENSE

Ritmo e poesia saindo da periferia. O rap é um estilo que conta a realidade das ruas vista por quem vive nelas. Aqui no Ceará, o Original Rap Cearense é um dos representantes do gênero e manda bem onde quer que vá.

Os problemas contados e cantados pelo grupo, representado por Maria Rodrigues e Anderson Alves Santos, são voltados à juventude fortalezense. O coletivo trabalha com a mobilização do rap nos bairros periféricos, incentivando a produção das músicas e colaborando com os artistas.

Trabalhando com formação pedagógica e praticidade, o Original Rap Cearense tem, ainda, como missão, aumentar a representatividade do estilo e do grupo em si fora do Estado.



Power trio

HERMANO FALTZ, IURY BATISTA E ANDRÉ BENEDECTI

Hermano Faltz (guitarrista), Iury Batista (baixista) e André Benedecti (baterista) são velhos conhecidos da cena musical cearense. Com cada um deles já tendo tocado ao lado de artistas como David Duarte, Paula Tesser e Nayra Costa, dentre outros, eles resolveram juntar-se para lançar o próprio trabalho, baseado no gosto comum dos três.

As composições têm influência da sofisticação harmônica e melódica do jazz e da música brasileira, mas sem se enquadrar em um estilo específico. As diretrizes vêm das diversas influências de cada integrante, sejam provenientes do jazz, rock, bossa nova, pop ou samba-jazz.

Além do domínio dos instrumentos, criatividade e desenvoltura na improvisação, a naturalidade e fluidez com que se sintonizam são características marcantes do trio. Guitarra, baixo acústico e bateria se fundem com uma facilidade surpreendente, e a música se faz radiante e leve.



Som de muquifo

MUQUIFO CAFONA

No início dos anos 1990, o rock passou a cantar a voz das periferias e, unido ao reggae e ao rap, refletiu questões sociais com o olhar de quem as sofre. Em nível nacional, a banda O Rappa foi o maior expoente, deixando um legado de inspiração seguido, em Fortaleza, pela Muquifo Cafona.

Consolidada em 2014, a banda é formada por Salatiel Carneiro, David Basílio, João Ferreira e Fagner Matos. Com as composições assinadas por Salatiel, as músicas da Muquifo Cafona falam dos problemas políticos enfrentados em nosso país, além de retratos do cotidiano.

Assim como seus inspiradores, o estilo da banda é o que se costuma chamar de alternativo. A mistura de ritmos, tendo o rock como matriz, dá o tom do grupo, que se apresentou em pequenos festivais pela cidade e está buscando seu caminho com um trabalho autoral.

Acorde Instrumental

ACORDE

Com um trabalho de pesquisa e produção musical, os músicos John Nascimento (violonista), Luizinho Nunes (baixista) Daniel da Conceição (tecladista) e Daniel Aguiar (baterista) criaram o projeto Acorde. Executando músicas nacionais, com arranjos cuidadosamente elaborados, o grupo vem buscando espaço no cenário artístico local.

Dando arranjos de jazz, samba, MPB e fusion a clássicos de Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, João Bosco e Hermeto Pascoal, dentre outros, o grupo apresenta um som refinado e bem executado, fruto de muito estudo. Mesmo sem registros fonográficos, o grupo apresenta um enorme talento, e tende a representar o Estado do Ceará no gênero.



Metal sem amarras

NAFANDUS

O metal é conhecido por ser um estilo tradicional, avesso a inovações. Mas esse não é o caso da Nafandus: o quinteto formado por Lucas Santiago (guitarra), Lucas Rodrigues (guitarra), Lucas Ravel (baixo), Tiago Skilo (bateria) e Claudine Albuquerque (vocal) é mente aberta o bastante para permitir experimentações em seu som, de acordo com as influências de cada um.

Formada em 2012, a Nafandus possui um EP homônimo, com seis músicas. O grupo já se apresentou em grandes festivais, como Rock Cordel, Grito Rock e Forcaos, entre outros. Atualmente, a banda está em processo de finalização do novo trabalho chamado "Unbreakable".

"Unbreakable", segundo o grupo, retrata a realidade do músico independente, tendo como foco a luta constante do artista cearense para ter seu trabalho reconhecido, apesar dos desafios. A proposta é sem papas na língua, assim como a própria Nafandus.



Sangue Latino

RÔMULO VITÁ

Nascido em Fortaleza, Rômulo Vitá é mais um dos que perseguem o sonho que a música inspira. Cantor, compositor e produtor musical, Rômulo iniciou sua carreira em 2010, com a banda Vitalize, até que resolveu partir para carreira solo.

Com influências de artistas da MPB, como Lenine, Paulinho Moska e Ney Matogrosso, Vitá busca a expressividade cênica, aliada à poesia das músicas autorais. O trabalho performático e a voz suave retratam os conflitos entre o artista e o humano presentes em cada pessoa.

Em 2015, o cantor lançou o CD "Música de Travesseiro". Com o show de mesmo nome, o cantor é acompanhado por Walberto Oliveira (guitarras), Paulo Henrick Von Sohsten (bateria), Matheus Gomes (baixo) e Érica Sousa (sax).

Filhos do Dragão do Mar

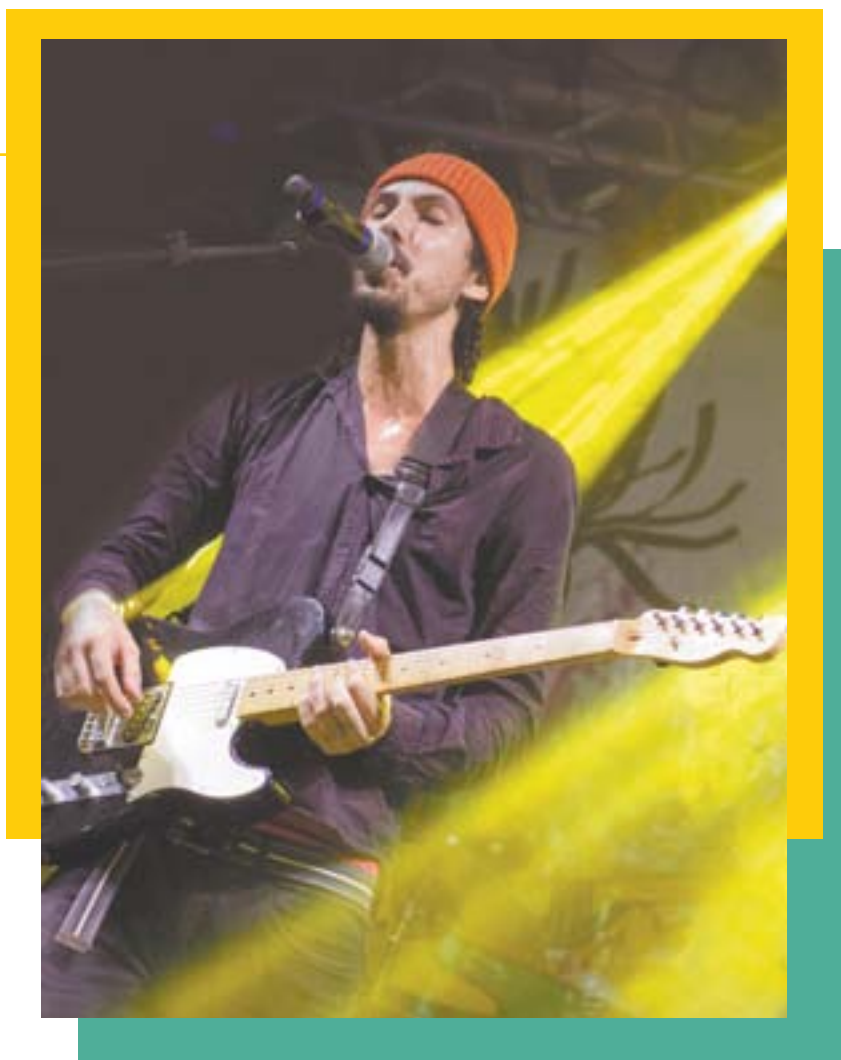
A.R.S.

Rock, reggae, rap, baião, hardcore. Esses e outros estilos são fáceis de serem identificados no som da A.R.S., banda formada por Micael Belo (voz e guitarra), Caio Vitor (guitarra, teclados, voz e escaleta), Jessé Filho (voz e baixo) e Dimas Filho (voz e bateria).

As origens litorâneas do Icarai estão presentes na alma da banda, cujo nome foi baseado em uma manobra do bodyboarding. O primeiro EP, intitulado "Amigos, Rock e Surf", foi lançado em 2013 e abriu as portas do grupo para as casas de shows locais, ao fazer a abertura das apresentações de Forfun (RJ), Scracho (RJ), Dead Fish (ES), Rancore (SP) e Marcão Britto (Guitarrista do Charlie Brown Jr. e Bula).

Em 2015, saiu o EP "Filhos do Dragão do Mar", que baseia as apresentações do grupo desde então. E em todo esse período de carreira, a A.R.S. vem se destacando em diversos festivais no Estado e até fora dele, com uma apresentação em Natal no currículo.

Variada como a capital fortalezense, a A.R.S. declara, entre outros interesses, o desejo de conhecer o mundo e suas praias. Baseado na composição do grupo, é possível dizer que o som da banda também leva um pouco de Fortaleza para o mundo.



Um novo som

SOM DE CERA

Montar uma banda está entre os sonhos de quase toda criança, mas poucos levam o sonho adiante quando crescem. Não foi o caso da banda Som de Cera: iniciada em 2009, por quatro amigos de infância, a banda foi resultado de uma brincadeira que se tornou profissão.

Formado por Pedro Lucas (voz e guitarra), Igor Maranhão (teclado e guitarra), Mateus Norões (baixo) e Tiago Siqueira (bateria), o grupo se apresenta há algum tempo em festas noturnas de Fortaleza, bem como em bares e eventos particulares. Seu som flerta com o pop-rock e o reggae, sem, entretanto, definir-se como um ou outro: segundo a banda, o intuito é seguir "sem rótulos, levando apenas alegria e boa música".

A preocupação com o som é representada no nome da banda, que remete aos antigos discos de cera de carnaúba, de 77 rotações por minuto e que, embora tivessem capacidade menor de músicas (normalmente, uma a duas por lado), tinham um espectro sonoro mais amplo que as músicas em formato digital.

O repertório do grupo mescla, atualmente, composições autorais, como "Vibe Boa" e tributos a artistas do pop-rock nacional. O quarteto, entre uma apresentação e outra, prepara seu material de estúdio a ser lançado em breve.



Mistura singular

SINGULAR

Responda rápido: o que dá uma banda de rock com influências de reggae, nu metal, indie rock e outros estilos? Se a resposta for singular, você acertou: a banda Singular se encaixa na proposta de fazer um som alternativo e original.

Formada oficialmente em 2011, a banda teve origem no ano anterior, quando o vocalista Willamis Motta resolveu dissolver seu antigo projeto, a Delivery Band. Junto de seu irmão, o baixista Wesley Motta, ele criou a Cingular, que, um tempo depois, ganhou a grafia correta no português.

Com o guitarrista Júnior Guerous e o baterista Johnny Bravo, o grupo se apresenta regularmente em bares e festas de Fortaleza, levando suas canções autorais e versões de sucessos da música brasileira ao público. Dentre os trabalhos próprios da Singular, está a música "Até Onde Vai Dar", lançada em videoclipe no ano de 2013.

Atualmente, paralelamente aos shows, a banda está em processo de gravação do primeiro EP, com músicas autorais. Além disso, o grupo tem mais três músicas não gravadas, o que mostra que a criatividade também é singular.



Talento de berço

BÁRBARA SENA

Bárbara Sena possui contato com a arte desde cedo. Aos 6 anos, escreveu seus primeiros poemas; aos 9, enveredou na música, ao gravar um jingle. Aos 11, começou a aprender violão; aos 15, compôs sua primeira canção e, aos 17, montou o primeiro grupo.

Hoje, em carreira solo, a artista possui repertório misto entre canções próprias e releituras. Seu trabalho envolve desde a música de raiz brasileira, como o samba, passando por influências latinas, em ritmos como o tango e o bolero, até estéticas mais voltadas ao pop.

O ano de 2013 foi um marco para Bárbara no âmbito musical. Sua composição, "Forró Escondido", foi gravada por Lídia Maria e toca regularmente em rádios. No mesmo ano, Bárbara estreou seu show autoral "Ultrapassada" e se dedicou ao projeto Regras da Praia, em parceria com Valdo Aderaldo. Teve a oportunidade de apresentar-se ao lado de nomes como Rodger Rogério, Márcio Resende Edmundo Junior, dentre outros.

Com uma demo lançada com a ajuda de amigos, a cantora também atua na área do design e do audiovisual. Dirigiu o documentário "Retratos de um Som: um olhar sobre o choro em Fortaleza", além de ter criado o projeto gráfico para os álbuns musicais de Lidia Maria e Jord Guedes.



Divando no Ceará

FLOWER BAND

No rock nacional, nomes femininos foram sempre lembrados pelos aspectos performáticos e carismáticos. Rita Lee e Baby do Brasil são ícones do gênero, entoadando até hoje seus sucessos.

É nesse rastro que a Flower Band se insere: com a figura da vocalista Katarine Flower, os amigos Fernando Cesar (teclados), Eder Martins (guitarra e vocais), Valdenir dos Anjos (baixo) e Deivde Souza (bateria) criam a atmosfera perfeita para um show elétrico.

O nome da banda já deixa claro o protagonismo da cantora: foi escolhido pelos músicos Eder, Valdenir e Deivde para exaltar e brindar Katarine com seu sobrenome, pelo carisma e gosto peculiar pelo pop e disco. Os estilos estão também presentes na sonoridade do grupo.

Se Katarine chegará ao nível de Rita, é cedo para afirmar. Porém, a energia emanada do palco é intensa, lembrando a vocalista dos Mutantes e musa do rock nacional.



Mensagem da paz

FRANK LUZ E TROPICAL DUB

O reggae, assim como outros estilos, possui uma série de subgêneros. Um deles é o roots, que possui como fortes características o engajamento social e o louvor a Deus, chamado de Jah pelos rastafáris. Outro estilo do ritmo jamaicano é o dub, que traz em seu som efeitos sonoros e o uso de reverbs e delays em excesso.

A banda Frank Luz e Tropical Dub segue a linha desses dois ritmos. Formada em 2011, no Bairro Bom Sucesso, em Fortaleza, o grupo estudou bastante as músicas do gênero, como as de Lee Perry e Augustus Pablo, para criar um som próprio.

O questionamento sobre a situação global está presente nas composições do grupo, que possui um disco gravado, "Roots e Marginal". Questionando o sistema e pregando a liberdade aos povos, Frank Luz e Tropical Dub contribui com uma filosofia de esperança à humanidade para o mundo.



Tirando a poeira

OLD BOOKS ROOM

O shoegaze parece ter vindo mesmo para ficar. O nome do estilo que, ao pé da letra, significa "encarando os sapatos", diz respeito justamente à introspecção das canções, sendo uma variante do indie rock inspirada no som melancólico do Joy Division.

O Old Books Room é mais um dos adeptos do estilo no Estado. O grupo foi formado em 2011 por Reinaldo Ferreira (guitarra/voz), Ricardo Ferreira (guitarra/voz), Diego Fidelis (baixo/backvocal), Felipe Portela (teclados) e Davy Nascimento (bateria) e é reconhecida em Fortaleza nos festivais do estilo, tendo tocado em várias casas de show e eventos na capital.

Dentro dos estúdios, a banda mostra bastante atividade. A discografia do Old Books Room conta com o CD "Songs About Days" e o EP "The Last Angry Boys In Town". Além disso, o grupo gravou quatro videoclipes, todos eles com boa aceitação e mostrando que, por mais que tenha "velho" no nome, os caras são bem antenados na modernidade.



Fino da bossa

GALBA DE ANDRADE

Ele é bossa. Galba de Andrade empunha seu violão e, entre acordes e canções, destila poesia. Aos 21 anos, o artista mostra originalidade e personalidade em seu estilo, misturando composições próprias e músicas consagradas pelo público.

O cantor está em cartaz com o show "Tantos Amores", no qual mistura de forma intimista temperos e amores nas doses exatas. Canções de Ivan Lins, Edu Lobo, Milton Nascimento, Gonzaguinha, Djavan, Lenine, Altair Veloso e Jorge Verçillo estão presentes no repertório de Galba.

Ainda sem trabalho fonográfico gravado, o jovem busca seu lugar entre os grandes. Durante as apresentações, ele é acompanhado de uma banda para criar a ambiência de suas músicas, que transitam entre o MPB, o samba e a bossa.

Singeleza buena

INDIADA BUENA

Surgido no final de 2015, o Indiada Buena iniciou como um projeto solo do cantor, compositor e arranjador Pablo Mendes. Com a entrada de Eduardo Gadelha (guitarra), Yuri Geovani (baixo) e Calebe D'Castro (bateria), o grupo encorpou e ganhou forma.

Apesar de recente, a banda possui uma quantidade considerável de fãs que a acompanham, sendo cativados pela melodia suave e pelas letras repletas de poesias, inspiradas em fatos reais vividos ou presenciados por Pablo, e transmitidas de forma agradável e singular.



Som da rua

MARCUS BIZO

“Será que o rap fez de mim um bom moleque?”. É esse um dos questionamentos que Marcus Bizo solta em suas canções. Iniciado no estilo em 2006, aos 17 anos, o artista viu no gênero uma forma de agregar vários ritmos.

Com 20 anos, Marcus já estava envolvido em batalhas de MCs na capital e foi aí que ele descobriu a capacidade de criar rimas e compor. Em 2011, lançou sua primeira música e atualmente, trabalha em um selo independente, chamado Hora do C.H.A. (conhecimento, habilidade e atitude).

O rapper traz em suas letras mensagens educacionais e motivacionais. A canção “Faz Valer a Luta”, que retrata também a realidade do jovem fortalezense da periferia, é um relato autobiográfico do artista, fruto da observação do cotidiano.



Rock do Amor

LOVELINESS



Fundada em maio de 2010, a Loveliness é fruto do projeto de Sara Gabriel (vocal) e Renato Lima (bateria). Junto de Augusto Milagro (baixo) e Edu Rock (guitarra), a banda faz um som chamado de A.O.R. (álbum orientado ao rock), um hard rock mais pesado e harmônico.

Em 2011, o grupo lançou seu único registro até então, o EP “Paradise of Pleasure”. No ano seguinte, eles deram uma pausa que finalizou em 2015, já com a formação atual.

Aliado à retomada, o grupo está gravando um EP, com o título adequado de “Time For Change”.



A final do I Festival de Música da Juventude movimentou o Cuca Mondubim, no dia (13/08), com apresentações e premiações dos seis artistas/bandas finalistas, escolhidos nas etapas seletivas, além dos shows com artistas cearenses e do rapper Mv Bill.

O evento reuniu grandes artistas cearenses que interpretaram canções de Ednardo, Belchior, Rodger, Fagner, Fausto Nilo, entre outros, em homenagem aos 40 anos do movimento “Canção Cearense”.

Ao final do evento os jovens puderam conferir o show do rapper e escritor MV BILL e a premiação dos artistas/bandas finalistas. Os três primeiros colocados foram: Indiada Buena, Nafandus e Projeto Acordes; porém os seis finalistas participarão da Mostra de Música Petrúcio Maia, um dos eventos mais importantes para a cena autoral cearense.

“Esse Festival é um marco na cultura e na juventude de Fortaleza. Não tenho dúvidas de que os novos talentos da música cearense estão sendo formados nesse Festival, pois percebemos uma galera extremamente talentosa”, ratifica Julio Brizzi, Secretário de Juventude.

Para Pablo Mendes, vocalista da banda Indiada Buena, e

um dos destaques na final do Festival de Música de Fortaleza, “essa é uma oportunidade muito importante para nós do Indiada Buena, até por que esse projeto que começou agora e já estamos numa final que nos garante participar da Mostra Petrúcio Maia, uma grande vitrine em Fortaleza. Realmente eu só tenho a agradecer,” finalizou.

“O bom desse Festival é conhecer uma nova galera, e a gente está se conhecendo e aprendendo juntos. Esse festival é também uma oportunidade para trazer essa cultura para nós, jovens, que não temos muito espaço para fazer esse tipo de trabalho, mas que temos muito prazer em fazer. A gente agradece a todos que ajudaram a organizar esse evento maravilhoso”, declarou Edbério Oliveira, músico representante da banda Projeto Acorde.

Além da premiação, os finalistas participaram de cursos e oficinas voltadas para temas específicos do segmento da música, além da formação modular, realizadas por meio de palestras e workshops, que abordaram diferentes temas a respeito do mercado da música, cadeia produtiva, direitos autorais, produção musical e gestão de carreira e que fazem parte da programação de capacitação do Festival de Talentos de Fortaleza.

RESULTADO FINAL

1° Indiada Buena

2° Nafandus

3° Projeto Acorde

4° Projeto Rivera

5° Fellipe Lustosa

6° Original Rap Cearense



Quem entende

Abertas à comunidade, as 35 apresentações foram um verdadeiro sucesso, tanto para o público em geral como para profissionais da música cearense que fizeram parte da banca de jurados do evento. “Fiquei encantada com o nível musical apresentado no Festival de Música da Juventude. Variados estilos, variados níveis de técnica, mas todos incrivelmente aptos a ingressar no mercado, na indústria cultural”, disse Aparecida Silvino, cantora, compositora e regente de Música Popular Brasileira que além de jurada no I Festival de Música, atuou como facilitadora na oficina de Canto que compôs a grade de capacitação do Festival de Talentos de Fortaleza.

Na opinião da artista, que tem mais de 30 anos de carreira, o Estado do Ceará precisa enxergar a forma de tornar esse tipo de manifestação cultural lícita. “Do heavy metal ao rap, passando

pela música instrumental, até os intérpretes de MPB, todos os artistas podem viajar o país e o planeta, mostrando sua arte e recebendo bem por isso. Acredito que no Ceará estejam faltando profissionais fora do palco, capazes e tão bem formados quanto esses músicos, que os possam empresariar, que façam de todos nós, aqui no Ceará, produtos rentáveis, com shows montados, viajando o mundo!”, observa Aparecida Silvino. “Eu sou muito empolgada quando o negócio é música bem feita”, disse.

Sobre a profissionalização musical no Ceará, como educadora, Aparecida recomenda que “para se profissionalizar a pessoa tem de se preparar, estudar, buscar uma formação acadêmica, entrar no mercado, estabelecer prioridades e parcerias. A profissão musical tem mercado garantido, seja na parte da didática, com variadas escolas em níveis variados, seja em shows, casas noturnas, igrejas, corais, musicotera-

pia. O mercado é extenso. Com formação e persistência, como em qualquer profissão a pessoa se realiza.”

Aparecida lembra ainda que “como em qualquer profissão também é necessários respeitar e ser respeitado. A nível nacional passamos recentemente por uma crise federal, em que os músicos foram taxados de vagabundos por um segmento bem vasto da sociedade. Então temos de trabalhar em triplo pra extirpar este preconceito, que a meu ver, estava apenas guardado. Sempre existiu,” finaliza

Pingo de Fortaleza, cantor e compositor cearense consagrado, também compôs a banca de jurados do Festival de Música e palestrou sobre a História da Música Cearense, dentro da programação do Festival de Talentos. Sobre a contribuição desse projeto para a formação do indivíduo, Pingo afirma que “a prática musical sempre contribui de múltiplas maneiras para a evolução e

aprimoramento dos seres humanos. Creio que todas as iniciativas que a elevem devem ser reconhecidas e louvadas. O mais importante de um festival é sua capacidade de aglutinação. O festivais são instrumentos incentivadores da produção musical e se conseguem alinhar difusão com formação em suas dinâmicas cumprem papéis distintos e essenciais para a consolidação dos processos criativos musicais,” defendeu.

Pingo ainda acredita que o evento contribui com o protagonismo juvenil e o exercício da cidadania cultural, incentivando e fortalecendo os processos criativos no campo musical. O artista avalia que a diversidade dos gêneros dos grupos participantes do I Festival de Música de Fortaleza revela a heterogeneidade da produção musical contemporânea. “Um bom nível musical prevaleceu entre os participantes. Contudo, algumas questões ainda podem se fortalecer entre os grupos, como o ca-

“Fiquei encantada com o nível musical apresentado no Festival de Música da Juventude. Todos incrivelmente aptos a ingressar no mercado, na indústria cultural”,

Aparecida Silvino, cantora, compositora e regente



ráter de originalidade, que pode se concretizar ainda mais com a experiência vindoura desses artistas”, declarou.

Ainda sobre o cast das bandas do I Festival de Música da Juventude, a jurada Mona Gadelha, também intérprete e, atualmente, Coordenadora do Laboratório de Música do Porto Iracema das Artes, lembra que “no Ceará, nós temos uma diversidade musical rica e surpreendente. Não podemos valorizar apenas um estilo e uma única tendência. Seria injusto e incoerente”, opina a artista.

Nesse sentido, tanto o Festival quanto o Laboratório de Música do Porto Iracema das Artes, onde ela atua como Coordenadora, são uma mostra de que a diversidade é contemplada. “Sem nenhum privilégio para um determinado estilo ou modismo. Valorizar apenas um tipo de música sempre foi um grande erro da indústria musical e a cena independente não pode repetir esse modelo”, defende Mona Gadelha. “Na etapa em que fiz parte do júri, eu vi artistas com grande potencial, tanto no heavy metal quanto no rock e MPB. Algumas performances me impressionaram bastante pelo carisma, pela técnica e pelo domínio de palco”, elogiou.

Sobre profissionalização musical no Ceará Mona avalia que encontra-se num momento importante, “com muitos talentos, surgimento de escolas e projetos como o Laboratório de Música do Porto Iracema das Artes, e agora, o Festival de Talentos de Fortaleza junto com o Festival de Música da Juventude. Estamos vivenciando o surgimento de criadores e artistas maravilhosos,” comemorou.

Acerca do formato inovador desse projeto que une competição e capacitação, onde Mona Gadelha também atuou como facilitadora, na oficina Projetos do Porto Iracema e Música Digital (Distribuição), a intérprete finaliza dizendo que “música é celebração, antes de tudo.

É arte do encontro. E não é só glamour, é muito trabalho, estudo, determinação, disponibilidade e sonho de exercer uma profissão que se comunica com as pessoas através da emoção. Existe música sem emoção? O artista quando sobe no palco, leva com ele o resultado de ensaios exaustivos, práticas rotineiras, negociações, superação psicológica, tudo isso. Foi durante um festival, ao me reunir com novos amigos, que tracei os rumos da minha pro-

fissão. O que não me impediu de adentrar outras áreas, como jornalismo e literatura. Acredito que esse formato é ótimo, e que tenha continuidade, criando condições para novos encontros entre os participantes. A possibilidade de fazer música - criar e tocar um instrumento - pode combater a violência. Arte é refinamento do espírito. Seria maravilhoso que as pessoas tivessem acesso à grande arte da música e não só a chamada “música comercial.”

Falando como artista, Mona Gadelha diz ainda que “faltam melhores condições de trabalho, de remuneração, divulgação, valorização e reconhecimento. Acredito que tanto o Porto quanto o Festival acertam na filosofia de abrir oportunidades para todos os estilos de música, apostam na diversidade, que é uma característica da música brasileira. E acertam em oferecer um processo de formação e continuidade, como é o Festival de Talentos. Falta um circuito com constância e solidez, que privilegie o maior número possível de músicos e artistas. Falo de um circuito de shows em espaços culturais com boas condições para atrair e multiplicar o público. E falta também a música cearense de autor conquistar os meios de

comunicação de massa. Já tem a internet, claro, e meios como o Spotify, You Tube etc. Mas falta ligar o rádio e ouvir mais vozes daqui, por exemplo”, finalizou.

SUCESSO

O pesquisador Haroldo Holanda, produtor e apresentador do programa Sons dos Festivais – no ar há nove anos na FM Assembleia – prestigiou etapas do Festival de Música da Juventude e diz que “um Festival é sempre sucesso, é uma grande vitrine. Quase todos os nossos artistas já consagrados passaram por festivais ou foram revelados em festivais de música”, constata Haroldo. Ele diz que é muito importante que haja essa variedade de gêneros musicais e de estilos. “Essa variação de gêneros que ‘pinta’ nos festivais, enriquece mais ainda o evento, atinge todos os gostos e o público em geral”, observa Haroldo Holanda.

“O nível do Festival de Música da Juventude foi muito elevado. Foram seis etapas classificatórias, com grandes apresentações, grandes surpresas. A finalíssima do Festival, pelos meus 38 anos também de mesa julgadora, foi inesquecível”, relembrou.



Nesta entrevista exclusiva, Mimi Rocha, curador e coordenador pedagógico e artístico do projeto Festival de Talentos de Fortaleza, fala da contribuição que as oficinas vão deixar para a vida dos jovens músicos participantes.

Quais os principais questões abordadas nas oficinas? Como se chegou a elas?

Mimi Rocha: Quando pensamos o Festival, percebemos que a maioria dos festivais ou eram de premiação ou de capacitação, separadamente. Nós optamos por unir os dois formatos. As oficinas são focadas em tópicos bem específicos, como pode ser visto na programação completa da capacitação. Nada muito teórico, mas

tudo de extrema importância, voltado para a prática de quem já está tocando. Tópicos bem importantes que cobrem todas as áreas importantes para um músico profissional.

Nos primeiros contatos com as bandas que se apresentaram no I Festival de Música da Juventude, como descreveria o nível dos participantes?

Mimi Rocha: Percebemos que, desde o início, tivemos bandas bem comprometidas e muito profissionais, cumprindo horários e com uma sonoridade bacana dos equipamentos. As oficinas do Festival de Talentos vão deixá-los ainda mais profissionais e mais cuidadosos em relação a horários, passagens e som e outras dicas relativas ao palco, que avaliamos como importantes.

Em que os órgãos governamentais podem contribuir para o crescimento e fortalecimento da cena musical?

Mimi Rocha: Festivais com esse formato, que têm a capacitação além do cachê, que também é importante, podem contribuir para a formação profissional do músico e das bandas que, com esse nível de formação, já podem ser inseridos na cadeia produtiva.

A partir daí, cabe aos órgãos públicos, agora com essa oferta de músicos capacitados, incluir esse jovem músico na cadeia produtiva, convidando para participar dos grandes eventos e festas, não se restringindo em trazer apenas artistas de fora. A partir dessa primeira edição do projeto que uniu o Festival de Música ao Festival de Talentos, já temos um leque bastante diverso de artistas,

bandas e músicos profissionais, que podem se adequar aos vários eventos dos órgãos governamentais.

Além dos aspectos musicais, a quais elementos das vivências cotidianas as pessoas que participaram das oficinas terão acréscimo?

Mimi Rocha: Os temas, apresentados nessa primeira fase de capacitação, foram ligados à gestão de carreira, direitos trabalhistas e história da música, pois é importante conhecer o que foi feito. Abordamos vários aspectos comportamentais, composição em trilhas sonoras, canto, harmonia, gestão de mídias sociais e muitos mais. Convidamos para ministrar essas oficinas músicos experientes, que falaram da construção de suas carreiras. Pessoas que muito contribuíram com esses jovens talentos. Valeu a pena!

Festival de talentos de Fortaleza



O projeto pedagógico do Festival de Talentos de Fortaleza contribui para a formação dos jovens, por meio da promoção de cursos e oficinas voltados para temas específicos do segmento musical. Numa primeira etapa, foram realizadas palestras e workshops para os componentes das bandas que se apresentaram no Festival de Música de Fortaleza, quando abordaram diferentes temas a respeito do mercado da música, da cadeia produtiva do segmento, direitos autorais, produção musical e gestão de carreira.

Com esse formato, os organizadores do Festival visam contribuir para aprimorar as habilidades artís-

ticas e as competências técnicas dos artistas selecionados. "Queríamos contemplar jovens de bandas que ainda não ganharam editais, não têm produção. Mais que além da competição e das apresentações em si, eles tiveram uma formação focada, para que se desenvolvam e se preparem para o mercado musical depois de participar do Festival", destaca Júlio Brizzi, Secretário da Juventude.

Para Mimi Rocha, curador e como coordenador pedagógico e artístico do Festival, a junção das apresentações das bandas com uma programação formadora é a principal característica inovadora do projeto que está em sua primeira edição unindo o Festival de Música com o Festival de Talentos.